

LULA: UM BEM-VINDO E EFICIENTE HERÓI DE CINEMA

Lula: a most-welcome and efficient movie hero

Paulo Henrique Silva

Jornal Hoje em Dia

✉ phenrique@hojeemdia.com.br

Um produtor experiente como Luís Carlos Barreto certamente sabia que, ao lançar “Lula, o Filho do Brasil” em ano eleitoral, quando o atual presidente da República tenta transferir um pouco de sua popularidade para o candidato governista, a recepção ao filme estaria mais voltada aos efeitos na campanha do PT, como veículo de propaganda, do que propriamente aos aspectos cinematográficos.

Qualquer filme, por mais entretenimento que seja, tem um aspecto político embutido – os desprezíveis produtos de Hollywood sempre disseminaram o *american way of life*.

Mas também é verdade que os realizadores estão, numa ação inversa, pegando carona no carisma do governante para emplacar o sucesso que tanto buscam há anos – os últimos longas-metragens dirigidos por Fábio Barreto foram rechaçados tanto por crítica como pelo público, e um deles (“Nossa Senhora de Caravaggio”) nem mesmo foi lançado comercialmente, ficando restrito praticamente aos festivais de cinema.

Oportunismo? Sim. Do contrário, por questão ética, esperariam passar todo o processo eleitoral e lançariam o filme um ano depois. Do ponto de vista comercial, porém, não é uma ação inédita. O cinema americano está cheio de

exemplos como esse, em que basta um nome virar interesse de milhões de pessoas para se vincular o máximo de produtos à personalidade. Ou ninguém acredita que alguém já esteja pensando numa cinebiografia de Susan Boyle, que virou fenômeno no site *YouTube*?

A diferença é que, salvo por Xuxa e Trapalhões, esse não é um expediente comum à cinematografia brasileira. A bem da verdade os nossos produtores parecem estagiários quando se pensa numa indústria de cinema no país. O tema percorre há anos as discussões do setor, com todos geralmente reclamando da falta de incentivos do Estado. Mas quando este Estado cria mecanismos propícios (Lei do Audiovisual, edital do BNDES, Fundo Setorial, etc.), os realizadores se veem intimidados.

Se tivéssemos, por exemplo, um processo rápido de produção, ao contrário do que acontece hoje, em que um filme demora anos para sair do papel e chegar à telona, este oportunismo inerente à cadeia comercial seria mais comum do que se imagina. É por isso que o cinema, e a arte brasileira em geral, parecem sempre atrasados em relação às grandes discussões do país. E não é preciso se restringir apenas ao aspecto comercial. Filmes estrangeiros de indiscutível valor artístico têm respondido prontamente às questões centrais. O que se nota na França é um reflexo disso, com várias produções colocando em pauta a ebulição étnica.

A partir deste prisma, podemos colher exemplos muito positivos com a experiência de “Lula, o Filho do Brasil”. É um trabalho marcante em vários sentidos, desde a forma como captou recursos – uma maneira eficientemente rápida para levantar dinheiro, quando se tem um tema “quente” em mãos –, quebrando uma relação promíscua com o dinheiro público, até seus elementos narrativos. Neste quesito, o debate pouco se aprofundou ainda, lamentavelmente.

As maiores qualidades do filme estão na sua estrutura dramática, que pega emprestada uma fórmula cara ao cinema hollywoodiano, que podemos definir como “sonho americano”. Geralmente, quando os nossos realizadores miram num tipo de produção bem-sucedida lá fora, os resultados são catastróficos, transformando-se em pastiches e ganhando um humor involuntário.

Não é o caso de “Lula”. Os roteiristas Daniel Tandler, Fernando Bonassi e Denise Paraná (autora do livro em que o filme se baseia) assimilaram muito bem os ingredientes, transferindo a história do homem pobre e sonhador que luta contra todos os obstáculos para ver seu desejo de vida realizado - o que caracteriza a terra

de oportunidades colada à imagem dos Estados Unidos - para o migrante nordestino, igualmente pobre e lutador.

Cada etapa do roteiro é desenvolvida tendo em vista os ingredientes mais comuns deste gênero. Há desde a saída de casa para um grande centro (embora a terra natal seja sempre lembrada como um importante formador de caráter) ao espelhamento, carregando os valores apreendidos com um familiar ou pessoa de boa índole. No filme, este elemento surge através de Dona Lindu, a mãe de Lula. Dentro desta cartilha, ela é o que impulsiona o protagonista rumo ao seu objetivo.

O elemento mais importante é a força de vontade, a idéia de que o personagem será premiado por sua insistência, que é sintetizado na palavra “teimar”, um “abrasileiramento” do “não se renda” da América do Norte que, de maneira simples e funcional, caracteriza o jovem Lula que mais tarde ocuparia a presidência da República.

Os últimos 30 anos de Lula, por sinal, foram excluídos do roteiro – com exceção de uma rápida cena final que mostra o sindicalista desfilando em carro aberto, após tomar posse. O texto inteligentemente deixa esta lacuna para o espectador preencher, optando por trabalhar o que estava apenas no imaginário popular, alimentando-o mais ainda de dados míticos. Lula se transforma num herói popular, um exemplo de vida a ser seguido.

A maior parte das críticas dirigidas ao filme diz respeito ao seu retrato sem máculas. O que também é corriqueiro neste tipo de produção (como o próprio Fábio Barreto admitiu, um melodrama). Desde que cinema é cinema, o protagonista sempre estampa valores essenciais ao ser humano, como amor, obstinação, respeito à família e pensamento voltado para o coletivo. Há algumas variantes, mas elas sempre irão apontar para o mesmo caminho. Como o homem que começa no extremo oposto, símbolo de avareza e individualismo, cujas lições de vida o conduzirão para o lado certo. É o que acontece com Jerry Maguire, personagem do filme homônimo dirigido por Cameron Crowe em 1996.

O risco de “Lula” era de soar exagerado, especialmente na primeira metade, quando surge a figura do pai violento. Mas o bom trabalho de interpretação, de Gloria Pires e Milhem Cortaz, que dão a real dimensão da problemática social brasileira, e a injeção de humor leve evitam as armadilhas do gênero.

Um bom exemplo disso está na cena de abertura, que já conquista o espectador de imediato. A emoção e a leveza estão lado a lado ao mostrar o pai deixando a família para buscar o sustento no sul. Os diálogos são poucos, com as palavras se revelando desnecessárias através da sensibilidade como a sequência foi conduzida, encerrada no momento em que o marido encontra a amante alguns metros depois. Esta cena foi claramente inspirada em “Rastros de Ódio”, de John Ford, ao fornecer ao espectador os signos de bondade (a mãe) e maldade (o pai) daquela família e que nortearão toda a narrativa. Enquanto a mãe será lembrada por seus valores e nas esposas de Lula (propositadamente ou não, Barreto usou a filha de Gloria Pires, Cleo, para o papel da primeira mulher), o pai “retornará” através da violência, de um país enfrentando a ditadura militar.

Dentro do melodrama épico, o caso de “Lula” foi antecedido por “Dois Filhos de Francisco” (2005), dirigido por Breno Silveira, que também recorre a vários elementos do gênero. Estão lá o perfil do personagem (no caso, dois) pobre e sonhador, que tem como referencial a figura do pai. Há também muita luta para vencer na vida, assim como o luto, encerrando-se com a concretização do sonho.

O filme de Barreto, no entanto, trabalha melhor estes elementos, tanto no texto como nas imagens, a despeito do sucesso maior que a cinebiografia da dupla Zezé di Camargo & Luciano tenha alcançado.

Agora é torcer para que o cinema brasileiro – aquele que almeja o mesmo público dos *blockbusters* americanos – “teime” nesta fórmula, através de outros heróis populares. Saber fazer, isso já mostrou que sim.